

A close-up photograph of several dandelion seed heads against a dark, almost black background. The seed heads are in various stages of maturity, with some showing the characteristic white, feathery pappus and others appearing as more solid, yellowish-brown clusters. The lighting is dramatic, highlighting the fine details of the seeds and the texture of the pappus.

# CONFERÊNCIAS NO PARQUE

Conhecer o Território:  
Reflexões partilhadas no Parque da Devesa

# PELA TERRA DE VERMOIM, PEREGRINANDO A COMPOSTELA

*Arlindo de Magalhães Ribeiro da Cunha*

## I. Os lugares

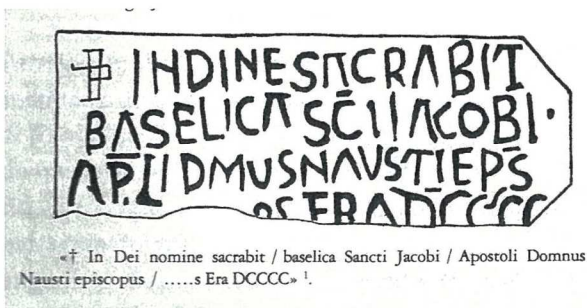
Como em toda a Península Ibérica, também em Portugal, ou melhor, no território que hoje é Portugal, Santiago começou por ser o padroeiro da Reconquista, iniciada a partir de Covadonga, mas que, em pouco tempo, chegaria aos territórios do Entre-Douro-e-Minho e Entre-Douro-e-Mondego.

As mais antigas notícias do culto jacobeu em solo hoje português referem pequenas igrejas, ao tempo ditas *eclesias* ou *baselicas*, dedicadas ao Apóstolo, as mais antigas surgidas no contexto da luta pela expulsão do Mouro, depois expressão de uma devoção que cresceu rapidamente.

A primeira é do ano 862, e foi construída não muito longe daqui, em Castelo de Neiva (Viana do Castelo). Ou seja: uns 30/40 anos depois da *invenção* (de *invenire* > achar) do túmulo que se julgou ser de Santiago, foi construída entre Douro-e-Lima uma igreja dedicada a Santiago: “In Dei nomine sacrabit / baselica Sancti Jacobi / Apostoli Domnus Nausti episcopus / ... s Era DCCCC (*da era de César*)”, ou seja, “o Senhor Bispo Nausto, em nome de Deus, sagrou (*est*) a ‘baselica’ de Santiago, no ano 900”<sup>[1]</sup>. Assim o diz uma pedra epigrafada

---

1 Ano 900 de era de César, isto é, 862 da era de Cristo.



**Figura 1**  
**Inscrição da igreja**  
**de Castelo de Neiva.**

*In Dei nomine sacrabit / basilica  
 Sancti Jacobi / Apostoli Domnus  
 Nausti episcopus / ... s Era DCCCC*  
 “Em nome de Deus, o Bispo Nausto  
 sagrou a basílica de Santiago  
 Apóstolo. Ano 900”, ou seja, no  
 ano 862 da era cristã.

que se conserva no interior da igreja paroquial de Castelo de Neiva. A primitiva haveria sido construída, certamente, no interior de um *castelo*, lugar de antigas lutas militares.

Mas outras notícias há da devoção a Santiago, deste mesmo século IX, nomeadamente na região envolvente de Coimbra, cidade várias vezes conquistada e perdida pelos cristãos e que sofreu longos assédios militares. O apego da tropa cristã à protecção de Santiago explica que várias igrejas do arrabalde conimbricense tenham sido dedicadas ao Apóstolo e algumas doadas depois à igreja de Compostela. A primeira foi a de Trouxemil (*uilla crescemiri*), doada por Afonso III de León (866-910), em 883, a Santiago de Compostela, um ano antes da primeira conquista de Coimbra. Passados 15 anos, o mesmo Afonso III doaria também a Compostela outras vilas do território de Coimbra, recém-conquistado. E, de facto, à volta desta cidade, há, ainda hoje, um grande anel de lugares “de Santiago”: Trouxemil, Eiras, Souselas, Almalaguês, Rio de Vide (Miranda do Corvo), Figueiró do Campo (Soure), seis freguesias; em S. Martinho do Bispo, Santiago



de Entre Valas (Figueiró do Campo), Ançã e S. Silvestre do Campo, quatro ermidas; a finalizar, imagens do Apóstolo nas paroquiais de Cernache e de Tentúgal. E, dentro da cidade, mais tardia, a igreja de Santiago, do séc. XII.

Entrado o séc. X, em 908, o presbítero Viliulfo doaria também à igreja de Santiago a *eclesia* de S. João de Penselo (hoje do concelho de Guimarães).

Doadora ainda a Compostela, foi a *eclesia* da *villa Cornelianiana* (hoje Correlhã, Ponte de Lima), no ano 915, por Ordonho II de Leão (914-924) e de Elvira, sua mulher.

*Eclesía > eclesia > igreja* é uma palavra grega que quer dizer reunião (no caso, de cristãos); com o tempo, porém, o vocábulo passou a referir não a reunião mas o lugar onde se reuniam os cristãos. *Beselga* ou *baselica*, palavra derivada da *basilica* romana, designava nos tempos cristãos primitivos um pequeno templo onde se guardavam as relíquias dos mártires. Mais tarde, porém, ao tempo da Reconquista, as *baselicas* começaram a ser dedicadas a um santo.

Data desta altura, ano 937, a já referida “*bazelica* vocabulo Sancti Jacobi hic in illa nostra uilla de Sausellas”. Uma outra, aqui bem perto de Famalicão, de “*sancti Jacobi apostoli ... baselice edificada ... in villa Nandini*” (hoje Santiago de Areias, Santo Tirso), é dos finais deste mesmo século X, ano 991.

Logo no primeiro terço do séc. XI, em 1033, numa doação feita à Colegiada de Santa Maria da Oliveira, de Guimarães, fala-se na “*de sancto Jacobo de Castelanos ... ipsam ecclesiam*” (a igreja de Santiago de Castelões), talvez a mais antiga do território que hoje perfaz o concelho de Famalicão.

Ao correr do tempo, outras igrejas dedicadas a Santiago foram aparecendo, não sem qualquer critério, como tentarei explicar; algumas tornar-se-iam paroquiais, mas sempre ditas “de Santiago”. Assim aconteceu com a já citada *eclesia de Castelanos* e com as *baselicas* de *Sausellas* e *Nandini*.

No território que é hoje o do concelho de Famalicão, havia já, no séc. XI, na centúria 1000-1099, di-lo o *Censual de Braga*, um documento daquele tempo, 8 ou mesmo 9 *eclesias* dedicadas a Santiago, que logo se tornaram paroquiais:



Figura 2.

Igreja românica  
de Santiago de Antas.

SANTIAGO DE ALMOFÃES<sup>[2]</sup> (inicialmente integrada na de Santiago da Carreira<sup>[3]</sup>, mas território hoje pertencente a Bairro),  
SANTIAGO DE ANTAS,  
SANTIAGO DE CASTELÕES,  
SANTIAGO DE MOLNES (depois da *Forca*, hoje da *Cruz*),  
SANTIAGO DE FIGUEIREDO<sup>[4]</sup> (hoje integrada na de Santa Maria da Oliveira),  
SANTIAGO DE GAVIÃO,  
SANTIAGO DE MOUQUIM,

- 2 O lugar de Almofoães (< Ermolfanis) foi sede de uma paróquia de Santiago que deu o orago à de Carreira, citada já em 1220.
- 3 *Carreira* “antigamente, se tomava pelo caminho, capaz de por ele andar um carro, donde talvez tomou o nome” (Viterbo, Fr. Joaquim de Santa Rosa de – *Elucidário*, 2º Vol., Porto: Civilização, 1993, p. 74). De qualquer modo *caminho*: nesta freguesia de Santiago se cruzavam duas carreiras ou estradas, dois caminhos marcados por várias paróquias e ermidas jacobitas, como pode ver-se em mapa.
- 4 Pinho Leal (*Portugal Antigo e Moderno*, VI, Lisboa, 1875, p. 254), informação que A. Almeida Fernandes repete (*Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, XIX, 337.2), fala de uma desaparecida freguesia de Santiago de Figueiredo, anexada à de Santa Maria de Oliveira, juntamente com a de S. Martinho dos Leitões. É possível que não seja verdadeira esta notícia: que se tratasse, por hipótese, de uma ermida – ainda existe? – que funcionasse como sede de um pequeno curato.

SANTIAGO DE NINÃES<sup>[5]</sup> (hoje integrada em Requião),  
SANTIAGO DE OUTIZ.

As *Memórias Paroquiais* de 1755, noticiam ainda 2 ermidas ou capelas de Santiago: uma em Outiz e outra em Requião. Esta última não pode ser senão a velha paroquial de Ninães, freguesia de que há notícia ainda em 1527, mas desaparecida em data posterior que se desconhece. Esta antiga igreja paroquial dedicada a Santiago diz-se hoje capela de Nossa Senhora da Guia.

Quanto à de Outiz, sabe-se que ainda tinha culto em meados do séc. XVIII, como o diz uma *Provisão de licença para na capela de Santiago de Outiz, sita n[um]a quinta da mesma freguesia, se continuar a dizer missa, de 1746*<sup>[6]</sup>. Que quinta será esta? Presumo tratar-se da antiga quinta, hoje chamada *Casa de Santiago* que, mesmo ao lado da paroquial de Outiz, tem uma capela que poderá ser a referida de Santiago.

Deve ainda citar-se aqui a paróquia de Santiago de Landim ou Nandim, depois *de Areias*, que pertenceu à Terra de Vermoim mas está hoje no concelho de Santo Tirso.

Porque escolheram estas freguesias Santiago por orago?

Houve, certamente, motivos vários. Já atrás se explicou porque é que, a toda a volta da cidade de Coimbra, há hoje vários lugares que se dizem “de Santiago”, igrejas paroquiais e simples ermidas, *eclesias* ou *baselicas*.

Todos estes templos eram construídos ao lado de estradas – *vias* ou *karrarias*, muitas vezes simples *caminhos de pé posto* – que levavam a Compostela. Ou seja, porque por certos caminhos passavam muitos peregrinos jacobeus, construíram-se no seu decurso igrejas e ermidas dedicadas a Santiago. Não foram as igrejas que obrigaram os caminhos a dirigir-se a elas (isso só aconteceria muito mais tarde com os então ditos *caminhos de missa*) mas sim as igrejas que se construíram ao longo dos caminhos que levavam a Compostela.

5 Ninães é povoação conhecida documentalmente desde 934. No *Censual de Braga* do séc. XI, era “de Sancto Jacobo de Nianes”. Perde-se depois no tempo, mas a verdade é que existia ainda em 1527: chamava-se então “Nynaes de Requam”. A antiga paroquial de Santiago de Ninães é hoje uma ermida dedicada a Nossa Senhora da Guia.

6 Capela, José Viriato. *As freguesias do Distrito de Braga nas “Memórias Paroquais” de 1758*, Braga: (Universidade do Minho), 2003, p. 496.



De resto, a devoção a Santiago – bem como algumas outras que à sua volta se juntaram – não era uma *devoção de substituição* de antigos lugares de culto pagãos, situados quase sempre no alto dos montes. Era uma devoção original<sup>[7]</sup>. De facto, as freguesias que o têm por orago, as suas capelas e altares, mesmo as suas imagens e outras referências jacobeanas (uma feira, uma romaria, uma casa comercial ou uma estação de caminho de ferro ...), aparecem sempre ao lado de antigas estradas romanas ou medievais, e mesmo de caminhos de pé posto. É o que acontece com o cruzeiro jacobeu de Santa Maria da Arnoso.

Não se podem esquecer algumas outras devoções que, ao longo dos caminhos da peregrinação jacobea, com o tempo, se incrustaram à de Santiago; chamo-lhes devoções paralelas.

São Roque, figura do séc. XIV que nasceu no sul França em Montpellier e peregrinou a Roma. Na volta, foi apanhado pela peste negra que grassava pela Europa. Por medo do contágio, foi obrigado a afastar-se do convívio social. Alimentava-se com o pão que o cão de um amigo lhe levava diariamente. Por isso ele aparece, nas imagens, vestido de peregrino, ladeado por um cão, a mostrar a ferida numa das pernas. A sua devoção, tardia, espalhou-se sobretudo ao longo dos caminhos jacobeanos. Teve uma capela em Riba d’Ave, que não sei se ainda existe.

Em Portugal destacou-se S. Gonçalo de Amarante, um vulto romeiro e pontista, dominicano, invocado depois como patrono dos peregrinos<sup>[8]</sup> – a hagiografia afirma que ele próprio caminhara a Roma e à Terra Santa – como auxílio dos estropiados e fracturados no caminho: pernas e braços partidos, cabeças rachadas, pés torcidos e com bolhas. As *Memórias Paroquiais* de 1755, dizem que havia (há ainda?) uma ermida de sua invocação em Cavalões, e imagens nas paroquiais de Bente e de Requião.

Na freguesia de Louro, havia (há?) também uma ermida de S. Pedro Gonçalves Telmo, uma figura do séc. XIII, dominicano como

7 Como não há regra sem excepção, conheço duas: uma, a ermida de Santiago do lugar de Sobre-a-Fonte, da freguesia de Sedielos (Régua), mas que é uma capela recente, de 1893; outra, a do lugar dito *Castelo*, da freguesia de Eiras (Chaves), sita não propriamente num alto mas no interior de uma povoação amuralhada.

8 Ver Cunha, Arlindo de Magalhães Ribeiro da. *São Gonçalo de Amarante, um vulto e um culto*. Vila Nova de Gaia: Câmara Municipal, 1997.

S. Gonçalo de Amarante, padroeiro dos mareantes e dos barqueiros, e como ele pontista, cujo nome entrou também no mundo jacobeu. Dizem alguns hagiógrafos que São Gonçalo recebeu dele o hábito dominicano. Os dois, Telmo e Gonçalo, terão sido mais ou menos contemporâneos de um terceiro dominicano Fr. Lourenço Mendes, natural de Chaves, que, em 1225, tomou a iniciativa da construção da ponte de Cavez, nas proximidades de Arco de Baúlhe.

Também S. Cristóvão, um dos cultos hispânicos mais espalhados na pré-nacionalidade no Norte de Portugal, mas um santo que nunca existiu. Por isso foi tirado do calendário litúrgico na sua reforma, posteriormente ao Concílio Vaticano II. Dizia a lenda que era um homem de grande compleição que usava a sua força para ajudar as pessoas a atravessar os rios. Um dia, apareceu-lhe uma criança pesadíssima... Era o Menino Jesus! O seu culto estabeleceu-se sempre à beira de rios que não tinham pontes. A freguesia de Cabeçudos, que ladeia o rio Ave, tem-no por padroeiro: a sua devoção assentou sempre ao lado de rios de difícil travessia.

Santo André, um dos Doze, era, como seu irmão Pedro, um pescador. O seu culto espalhou-se pela Península Ibérica a partir do séc. VI: muito mais antigo portanto que o do próprio Santiago. Ele foi mesmo o apóstolo que teve culto mais antigo na Península. Os lugares do seu culto estão sempre situados frente ao mar ou na margem ou proximidade de rios e ribeiros. Em Famalicão houve uma freguesia que o teve por padroeiro – Santo André de Padroso – hoje integrada na de Lemenhe (nesta paroquial existe uma imagem de Santo André, certamente a da paroquial extinta). Em Joane, há uma outra ermida a ele dedicada, certamente no caminho de Guimarães.

Finalmente, Santo Amaro, outro dos cultos paralelos ao de Santiago. O caso desta figura é muito curioso. É evidente que, nomeadamente em terra de forte influência beneditina como é o Norte de Portugal, há uma grande confusão entre o Santo Amaro, companheiro de S. Bento (500-584), e o Santo Amaro peregrino jacobeu que cuidou dos peregrinos no Hospital de Burgos (séc. XIV). Se aqui e ali é claro estarmos em presença do beneditino, é também verdade que a peregrinação jacobea reuniu *os dois Amaros* num só. E assim, ao longo dos caminhos jacobeus, aparecem com alguma frequência ermidas de



Santo Amaro. Qual deles? Em Santo Eulália de Arnoso e em Santiago da Carreira havia/houve ermidas desta invocação. A esta última, “uma notável capela de Santo Amaro”, faziam-se “grandes romagens e clamores”, como informa Carvalho Costa no séc. XVIII<sup>[9]</sup>.

## II. A peregrinação

Regra geral, o homem antigo nascia, vivia e morria na sua aldeia. Se dela saía, fazia-o apenas por *ócios e negócios, devoções e paixões*, quase sempre a pé, por vias e sendas *de pé posto*, que estradas verdadeiramente havia poucas e más. A rede viária romana fora importante e óptima mesmo, mas ao tempo em que o túmulo jacobeu começou a atrair peregrinos, se existia ainda, estava já muito degradada e em alguns sítios mesmo destruída. No entanto, nunca a falta de boas estradas impediu o homem de se deslocar. Os caminhos fizeram-se sempre primeiro com os pés, e só mais tarde com o labor das mãos.

Fundamentalmente, o peregrino jacobeu era, na sua grande maioria, pobre e andava a pé. Preso por nada, olhos sempre postos no túmulo apostólico aonde se dirigia, quando lhe convinha, abandonava o traçado romano ou já medieval, cortando a direito, serra acima ou serra abaixo, deixando as poucas vias disponíveis a cavaleiros, eclesiásticos e nobres, mai-la sua criadagem. Estes não andavam a pé: e condicionavam, por isso, o seu trajecto a opções e objectivos particulares, em muitos casos facilmente detectáveis.

O peregrino comum, por sua vez, caminhava a pé e queria chegar depressa a Compostela. Não entrava nas cidades, por exemplo, que ao tempo eram lugares de pecado, escolhia os caminhos mais seguros (os salteadores foram sempre grandes inimigos dos peregrinos e viajantes em geral), procurava ou não albergarias e outros hospícios, conventos e hospitais, se e quando os havia, mas só raramente se desviava da sua rota para visitar algum santuário de passagem<sup>[10]</sup>. O verdadeiro pere-

9 *Corografia Portuguesa*, I, 1706, *ob.cit.*, p. 332.

10 E de facto, com relíquias ou sem elas, muitas vezes construídos na sequência de “milagres”, vários santuários obrigavam a visitas de piedade. Nossa Senhora da Abadia ou a Senhora da Peneda, no Minho, exerciam um fascínio especial já nestes tempos. Ao lado de Guimarães, S. Torcato, um dos sete “varões apostólicos”, era também um santuário muito procurado. Na Correlhã, antes um pouco de Ponte de Lima, a

grino queria chegar e regressar depressa; pelo caminho, na ida ou na vinda, raramente se interessava em visitar fosse o que fosse.

Para todos, no entanto, atravessar rios era muito complicado. Pontes<sup>[1]</sup> havia-as de origem romana, algumas, mas na sua maioria já muito degradadas. Outras, mais tardias, construídas por iniciativa de religiosos pontistas; recordo os nossos S. Gonçalo de Amarante e Frei Lourenço Mendes, ambos dominicanos. Todas somadas, as pontes, eram no entanto muito poucas. Por isso havia muitas barcas de passagem que podiam ser de “por Deus”, isto é, de graça, obra de misericórdia de alguém que as instituía e dotara de bens que pagassem a despesa e o salário do barqueiro, ou então barcas em que se pagava a passagem. Aqui e ali, no entanto, em rios pouco caudalosos, umas simples poldras eram o bastante. E alguns lugares havia que, no Verão, permitiam se atravessasse o rio mesmo a pé enxuto, a vau.

Foi tudo isto – pontes e barcas, mosteiros, albergarias e hospícios, gafarias e hospitais, lugares jacobeus e outros santuários, desfiladeiros que permitiam sem grande esforço passagens difíceis etc., etc. – que definiu algumas grandes estradas que conduziam a Compostela. Desde já direi que todas tinham muitas variantes, e que havia muitas outras.

As de maior trânsito foram possivelmente as duas que ligavam Lisboa ao Porto, uma que vinha por Santarém, Tomar e Coimbra, e a segunda por Alcobça, Soure e Aveiro. Seguiam ambas pela ponte de D. Zameiro, sobre o Ave, para Rates, Barcelos e Ponte de Lima. Vários relatos de peregrinação, no todo ou em parte, referem a primeira.

---

capela de Santo Abdão era lugar de passagem de muitos que peregrinavam a Compostela. S. Bento ou Bentinho da Porta Aberta continua a ser hoje lugar demandado por imensos peregrinos. E muitos outros casos poderiam ser referidos. Depois havia as relíquias, verdadeiras umas (de Santa Joana em Aveiro, de S. Gonçalo de Lagos em Torres Vedras, da Rainha Santa Isabel em Coimbra, ...), e apócrifas quase todas. Os Frades Pregadores de Guimarães tinham no seu mosteiro, para além do Santo Lenho, “um pedaço da pedra donde Nosso Senhor subiu ao céu, relíquias do véu da SS.ma Virgem e do seu sepulcro, do maná, da vara de Moisés, dos santos inocentes” (Martins, Mário. *Peregrinações e Livros de Milagres na nossa Idade Média*, 2ª ed., Lisboa: Brotéria, 1957, p. 95). Em tempos de sensibilidade espiritual pouco educada, em que as massas populares estavam ainda ligadas a formas primitivas e mesmo pagãs de religiosidade, estas realidades e lugares exerciam grande fascínio.

11 A velha ponte, tosca e de pedra, por que se saía do lugar de Couto de Ervededo (que tem uma capela de Santiago), concelho de Chaves, para Cambedo (onde há uma outra capela de S. Gonçalo), chama-se significativamente “ponte de Santiago”.



**Figura 3.**

Ponte da Lagoncinha,  
em Lousado.

Mas nenhuma delas pisava a Terra de Vermoim, encaixada entre os rios Ave (que fazia a divisória com a imensa Terra da Maia) e Este (com a de Faria). Daí o poder afirmar-se que a maioria dos peregrinos ilustres ou nobres não vinha por aqui, na demanda de Compostela.

Havia, porém, uma outra estrada disponível para os peregrinos que vinham dos lados do Porto: atravessavam o rio Ave na ponte da Lagoncinha, possivelmente de origem romana, e daí podiam seguir directamente para Braga, via Santiago de Antas e sua Vila Nova (*de Famalicão*), dirigindo-se depois para Ponte de Lima pela ponte do Prado (passada esta, logo aparecia a igreja paroquial de Santiago de Francelos, paróquia hoje desaparecida); para Areias de Vilar e Manhente (aqui, as albergarias monásticas podiam atrair os peregrinos) donde se seguia também para Ponte de Lima; ou por Barcelos, rumo à mesma ponte sobre o rio Lima.

De facto, na Terra de Vermoim e depois dela, não eram/não são poucas as freguesias de Santiago. Portanto, intensa peregrinação!



Famalicão é o segundo concelho do país que tem mais paróquias de Santiago (9), contando as desaparecidas. Barcelos é o primeiro (creio que 12<sup>[12]</sup>). Mas por aqui, só passavam os peregrinos pobres. Como em tudo, porém, uma excepção!

Claro que havia muitas outras hipóteses. De intensa peregrinação era também a estrada romana que ligava Viseu a Chaves que, em diversos lugares, recebia peregrinos espanhóis vindos nomeadamente da Via da Prata, do Sul da Península. Estes atravessavam o Douro nas barcas de passagem da zona da Régua, a montante ou a jusante, e daí subiam directamente a Chaves ou tendiam para Guimarães, Braga e Ponte de Lima, também pela ponte do Prado.

É que, de facto, muitos peregrinos vindos da longínqua Sevilha ou até, se quisermos, do Norte de África, pela Via da Prata, entravam depois em território português em diferentes lugares da fronteira com Espanha. Fernão Lopes (1385-1459), do séc. XIV/XV, na sua *Crónica de D. João I*, fala de um *caminho leonês* que passava em Bragança:

“Concordou-se que viessem por Bragança muitos almocreves e mercadores castelhanos que iam com suas mercadorias para a festa de Santiago da Galiza, pois que estava chegando o mês de Julho; e porque, falando castelhano, iam por ali em segurança”<sup>[13]</sup>.

Mas não só por Bragança entravam os *espanhóis*. Faziam-no também na zona de Barca de Alva, serenado já o Douro, na zona fronteira que se estende de Castelo Rodrigo a Vilar Formoso, pela ponte de Alcântara (seguindo a Idanha), pela estrada que ligava Olivença e Badajoz a Elvas, ou que subiam o Guadiana até Mértola.

Alguns relatos de peregrinação dão notícia concreta da utilização destes caminhos. Fizeram-nos Leão de Rozmital (1460-1535), um peregrino jacobeu que vindo de Ciudad Rodrigo, em 1466, entrou em Portugal na Cova da Barca, junto a Freixo de Espada à Cinta<sup>[14]</sup>;

12 10 em Barcelos (Aldreu, Cambeses, Carapeços, Cossourado, Couto, Creixomil, Encourados, Feitos [de algum modo sucessora de Santiago de Enchate], Sequeade e Vila Seca) mais 2 desaparecidas (Santiago de Moldes, Santiago de Regoufe); em Famalicão 7 (Antas, Carreira, Castelões, Cruz, Gavião, Mouquim, Outiz) mais 3 desaparecidas (Almofães, Moldes, Ninães).

13 Lopes, Fernão. *Crónica de D. João I*, II Vol., Porto: Civilização, 1990, p. 181.

14 *Viajes de Extranjeros por España y Portugal desde los tiempos más remotos hasta comienzos del siglo XX*, recopilación, traducción y notas de J. García Mercadal, Vol. I, Junta de Castilla y León, 1999, p. 280.

Diego Torres de Villaröel (1693-1770)<sup>[15]</sup>, um professor de Matemática na Universidade de Salamanca, que, em 1736, depois de Ciudad Rodrigo, em peregrinação mais pícara que devocional, entrou em território português um pouco a norte de Vilar Formoso; Cosme III de Médicis (1642-1723), homem político e culto mas também peregrino jacobeu, em 1669<sup>[16]</sup>, que o fez por Badajoz;

Jerónimo Munzer (1437-1508), estudioso mais que peregrino, que veio a Lisboa, em 1494, falar pessoalmente com D. João II, interessado em saber das navegações portuguesas<sup>[17]</sup>, que entrou por Serpa; e – di-lo a tradição popular – o próprio S. Francisco de Assis (1182-1226) que terá vindo por Vilar Formoso.

Não em peregrinação, utilizaram também estes caminhos figuras como as de Gaspar Barreiros (1515 ou 16-1574), cónego da Sé de Évora, que deixou uma famosa *Corografia* em que descreve a viagem que fez a Roma em 1542, a mando do Cardeal D. Henrique; Fr. Bartolomeu dos Mártires (1514-1590), já Arcebispo de Braga, a caminho do Concílio de Trento, saiu de Portugal em 24 de Março de 1561, exactamente por Bragança<sup>[18]</sup>, tendo regressado, em 23 de Fevereiro de 1564, por Freixo de Espada à Cinta<sup>[19]</sup>; William Beckford (1760-1844), aristocrata inglês, político, romancista e viajante incansável<sup>[20]</sup>, etc., etc., etc.

Dentre tanta gente, há notícia de um peregrino identificado que, em 9 de Maio de 1745, dormiu em Vila Nova de Famalicão, um napolitano, Nicola Albani. No quotidiano das suas duas peregrinações a Compostela, ilustrado com desenhos seus sobre episódios vários da peregrinação, escreveu um diário. Relata assim:

«Na manhã de 9 de Maio [de 1745], saí de Braga e, pela tarde, cheguei a Vila Nova de Famalicão, a três léguas de Braga. Havia uma

15 Villaröel, Diego de Torres. *Vida*, 4ª ed., Madrid: Cátedra, 1998, p. 215. Ver ainda do mesmo autor e viajante *Peregrinación al Glorioso Apóstol Santiago de Galicia*, Salamanca: Cervantes, 2003.

16 Caucci, Paolo. *Las peregrinaciones Italianas a Santiago*, Santiago de Compostela: Porto, 1971, pp. 81-92.

17 Münzer, Jerónimo. *Viaje por España y Portugal*, Madrid: Polifemo, 1991, pp. 165-166.

18 Sousa, Frei Luís. *A vida de D. Frei Bertolameu dos Mártires*, Lisboa: INCM, 1984, Livro II, cap. 1, p. 143.

19 *Ibid.*, Livro III, cap. I, pp. 315 ss.

20 Beckford, William. *A corte da rainha D. Maria I*, Lisboa: Frenesi, 2003.



**Figura 4.**

Caminhos de peregrinação jacobea por território português provenientes da Via da Prata.



grande feira de gado, com muitos negociantes, e que se prolongava por oito dias. Ali me entretive um dia para ver algumas coisas curiosas. Quando vagueava pela feira, encontrei um homem de negócios, napolitano, que conhecera na vila de Viana [*da Foz do Lima*], que me pressionou a dormir na sua tenda, insistindo comigo para que me não fosse embora. Tratou-me muito bem de noite e agasalhou-me; de manhã deu-me dois tostões. Despedi-me dele e segui o meu caminho e, na manhã do dia 11, saí de Vila Nova de Famalicão. Pela tarde cheguei à cidade do Porto, a cinco léguas de Vila Nova de Famalicão»<sup>[21]</sup>.

Nenhum mais dos dezasseis peregrinos que deixaram relatos de peregrinação<sup>[22]</sup> passou por esta Terra de Vermoim.

Mas há duas outras figuras da nossa história que a podem ter pisado também. Nicolau Clenardo (1493-1542), natural da Flandres, chamado a Portugal para educador do futuro Cardeal D. Henrique (1512-1580), peregrinou a Compostela em 1537. Já no regresso, uma vez em Ponte de Lima, demandou Viana da Foz do Lima e depois passou a Barcelos, donde se dirigiu a Guimarães, tendo estado em Tebosa (Braga)<sup>[23]</sup>. Pode, portanto, ter tocado o Norte da Terra de Vermoim. Mas também o rei D. Manuel I pode ter andado por aqui. No regresso da sua peregrinação a Compostela, em 1502, passou em Braga e desceu depois a Guimarães. A documentação conhecida di-lo a seguir em Arrifana (Santa Maria da Feira). Terá passado pela Lagoncinha?

Apesar de quanto acabo de referir, não há dúvida de que, reparando nas paróquias de Santiago existentes na Terra de Vermoim (ou do concelho de Famalicão) e mesmo antes ou depois dela, era este um lugar de muita passagem e de cruzamento de gente simples, que caminhava a Compostela, a direito, por montes e vales, não interessada em visitar mosteiros e monumentos, fosse em Braga, em Guimarães ou mesmo em Rates, como faziam os mais nobres, ilustres e ricos. Os mais pobres, os que se deslocavam a pé, os que queriam chegar depressa, que evitavam as cidades, esses que dormiam debaixo

21 Albani, Nicola. *Viaxe de Nápoles a Santiago de Galicia*, Santiago de Compostela: Xunta de Galicia, 2007, p. 221.

22 São eles Lassota, Bourdelot, Confalonieri, Laffi, Valckenstein, Rozmital, Popielovo, Munzer, Estaña, Cosme de Médicis, Villaröel.

23 Cerejeira, M. Gonçalves. *O Renascimento em Portugal, I – Clenardo*, Coimbra, 1974, pp. 118-119.

de qualquer árvore e em qualquer lugar, que comiam tudo o que apanhassem pelo caminho, peras ou maçãs de Santiago, como as havia por aqui, mesmo ao lado, ainda hoje, em Santo Tirso, que boas as maçãs “de Santiago”, temporãs e vermelhinhas!

Já que toquei esta questão da alimentação dos peregrinos... Escreveu no seu diário de peregrinação Jacobo Sobieski, um polaco que caminhou por terra portuguesa para o túmulo do apóstolo, em 1611, que “os estalajadeiros [*portugueses*] são ladrões”. De facto, estalajadeiros, vendeiros e taberneiros serviam muitas vezes aos peregrinos alimentos estragados e vinhos avinagrados que originavam complicados desarranjos intestinais. Remédio? Um chá de *Erva de Santiago*, nome que se deu à Tasninha (*Senecio jacobæa L.*)<sup>[24]</sup>, uma planta medicinal antidisentérica<sup>[25]</sup>, muito utilizada pelos peregrinos. Também por aqui será conhecida esta erva de Santiago!

Retomo o pensamento. Olhando o mapa, porque é que há tantas paróquias de Santiago antes e depois da Terra de Vermoim, claramente a desenhar caminhos de peregrinação? Na Terra de Vermoim se faziam cruzamentos: quem subia do Porto para Braga e utilizava a ponte da Lagoncinha ou mesmo a Barca de Bougado, quem vinha de atravessar o Douro na Régua, a montante ou a jusante ou, antes disso, dos lados da Andaluzia ou Castela, e queria demandar Barcelos, aqui encontrava um território distribuidor de destinos.

Pode parecer uma excepção a esta regra a freguesia de Santiago de Outiz. Mas, olhando um mapa, logo se percebe que ela está fora de qualquer dos traçados que aponteí como caminhos de Compostela. E, reparando bem no seu posicionamento geográfico, logo conclui que uma clara linha de paroquiais – S. Miguel de Custóias, Outiz, Cavalões, Minhotães, Gondifelos, Chavão, Chorente, Góios, Pereira e Carvalhal – nos põe em Barcelos traçando uma estrada entre o Ave e o Cávado, da ponte da Lagoncinha à de Barcelos.

E por isso tanta paróquia de Santiago! Na Terra de Vermoim havia duas importantes pontes: a da Lagoncinha (logo a seguir a uma paroquial de S. Cristóvão, uma devoção paralela como já disse), e a

24 *Viajes de Extranjeros por España y Portugal en los siglos XV, XVI y XVII*, traducidos y anotados por F. R., Madrid: Casa Editorial de Medina [1878], pp. 233-267.

25 Vasconcelos, António de. *Dicionário das Plantas de Portugal que tem nome popular*, Porto, 1915, pp. 32 e 83.

de Caniços (imediatamente antes da antiga paróquia de Santiago de Almofães). Não se pode esquecer, porém, o Pontão de Santiago, também dito Ponte Velha ou de Antas, medieval ou até romana, sobre o rio Pelhe, às portas do Parque da Devesa mas não já “no sentido do rio, tendo o mesmo sido desviado. Encontra-se agora na margem direita do rio Pelhe”<sup>[26]</sup>, embora, de início o atravessasse.

Uma última palavra sobre barcas e poldras, quando não havia pontes.

Barcas não faltavam na travessia do Ave. Saliente-se a da Trofa, num lugar dito *Sítio do Estreu*, na margem esquerda que, na margem direita, encontrava território da freguesia de Ribeirão. Ali se construiu, em 1841, uma ponte de madeira, tendo então a barca da Trofa sido deslocada para um outro lugar chamado o *Barquinho de Chaves*<sup>[27]</sup>.



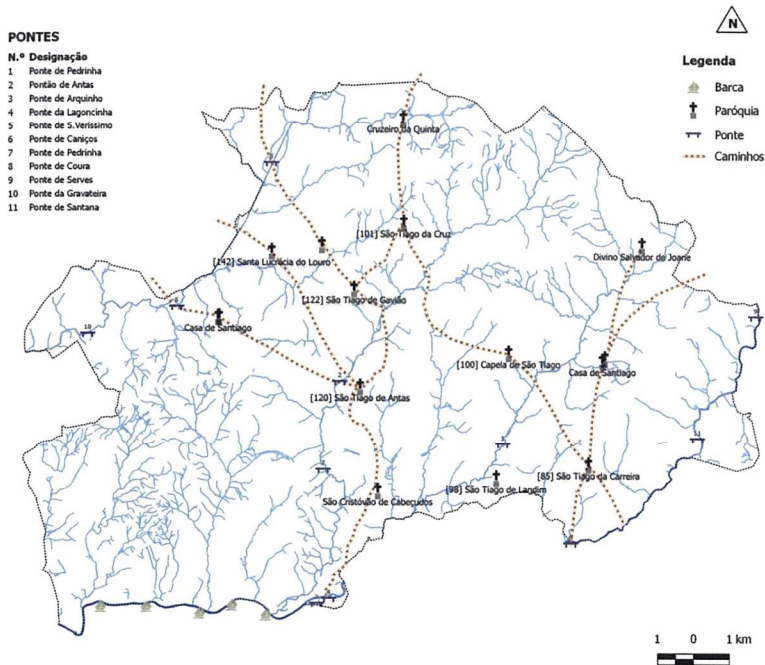
**Figura 5.**

*Ponte de Santiago ou Pontão de Antas, sobre o rio Pelhe, em plena Vila Nova de Famalicão, a menos de 1.000 metros de distância (em linha recta) da Igreja de Santiago de Antas.*

26 “Pontão de Antas”, sem autor, in *Parque da Devesa: A cidade e o parque*, Vila Nova de Famalicão, 2012, p. 34.

27 *Livro Actas Camarárias* [de Vila Nova de Famalicão]: números 60/1838 (de 12 de Julho de 1838), 79/1838 (de 27 de Setembro de 1838) e 1/1841 (de 11 de Janeiro de 1841).





**Figura 6.**

Mapa dos caminhos de Santiago mais utilizados no território do concelho de Vila Nova de Famalicão (trabalho do Dr. João Machado, do Gabinete do Património Cultural da Câmara de Vila Nova de Famalicão).

Mas outras existiram no território famalicense: a da Azenha do Zé da Carolina, clandestina, de S. Martinho de Bougado para Lou-sado; a da Azenha da Bragadela, em Ribeirão; a da Azenha do Barroso, de Santiago de Bougado para Ribeirão; e a da Azenha dos Frades, de Santiago de Bougado para Fradelos<sup>[28]</sup>.

As poldras eram também, muitas vezes, solução para travessias em lugares sem pontes nem barcas. Havê-las-ia também por aí. Na sua *A mulher Fatal*, afinal Ana Plácido, Camilo Castelo Branco, tudo gente daqui, escreveu assim: – “A chuva não cessava. As carvalheiras entrondeavam como um rugir de vagas embravecidas . (...) Perpétua pediu que [se] não saísse com tal tempo, porque teria de [se] dar uma volta de légua em razão de não [se] poder[em] passar as poldras d’um regato engrossado pela chuva”<sup>[29]</sup>.

## A concluir

Terminada a recolha destes dados – igrejas e paróquias de Santiago, outros quaisquer dados referidos ao Apóstolo [um cruzeiro, conchas desenhadas em pedra ou em madeira, tradições [histórias, ditos refrães,...], designativos [Café Santiago, restaurante Santiago, Automóveis Santiago, estações de caminho de ferro Santiago, pontes e caminhos, etc.], topónimos “de Santiago” ou que tenham a ver com estradas antigas, com casas de restauração e acolhimento (Albergaria, Barca/o, Calçada, Corredoura, Estalagem, Hospital, Mesão, Passagem, Portela, Pousada, Venda, ou até Alcouce! ...), ermidas de Santiago e das mais devoções jacobeias – e assinalando tudo num mapa... encontraremos os caminhos medievais de Santiago, muitos dos quais se conservam ainda hoje. Resta verificar – *pedibus calcantibus* —, que sim, que é verdade, que os caminhos existiram ou existem ainda. E dos que existiram pode perceber-se ainda como estavam desenhados e por onde seguiam. É o que falta fazer em Famalicão: urge comprovar no terreno os dados já recolhidos, e guardar os que a memória popular conservou com cuidado.

28 Ver Matos, Rogério Bruno Guimarães. *Património à Prova de Água. Apontamento para a salvaguarda das Azenhas e Açudes nas margens do Rio Ave*, Vila Nova de Famalicão: Câmara Municipal, 2011.

29 Branco, Camilo Castelo. *A mulher fatal*, 3ª ed., Lisboa: Companhia Editora Publicações Ilustradas, s/d, p. 76.